



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da 10ª Edição Michelin Challenge Bibendum no
Brasil**

Rio de Janeiro-RJ, 31 de maio de 2010

Meu caro companheiro e amigo, governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Senhor Yves Saint-Geours, embaixador da França no Brasil,

Senhor Al (incompreensível), embaixador do Sultanato de Omã,

Senhor (incompreensível), ministro dos Recursos Naturais da Rússia,

Companheiros ministros brasileiros que me acompanham neste evento: Armando Meziat, interino do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Marcio Fortes, das Cidades; Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social; e Eloi Ferreira, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Nosso querido companheiro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu caro amigo e companheiro Eduardo Paes, prefeito da cidade do Rio de Janeiro,

Senhor Michel Rollier, presidente mundial da Michelin,

Senhor Jean-Philippe Ollier, presidente da Michelin da América do Sul,

Nosso companheiro Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira, presidente da Firjan,

Senhoras e senhores executivos e empresários participantes deste fórum,

Senhores jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,



Primeiro, o tema principal para este evento da Michelin – “Todos juntos por uma mobilidade rodoviária sustentável” – é um tema muito atual para o que está acontecendo no Brasil nesse momento. Em primeiro lugar, há algum tempo o Brasil tomou consciência de que precisava fazer uma renovação da sua frota. É importante dizer aos empresários aqui que ainda, muito tempo atrás, Sérgio Cabral, um sindicato de trabalhadores – o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC – propunha ao Sindicato da Indústria Automobilística, em São Paulo, a necessidade de começarmos a discutir a renovação da frota de automóveis no nosso país. Nós temos uma frota com a idade média muito velha, e era preciso a gente, então, para melhorar os níveis de emprego, mas sobretudo para melhorar e diminuir os níveis de emissão de gases de efeito estufa, era preciso que a gente renovasse a nossa frota.

“N” estudos foram feitos até que, depois de muito tempo, nós conseguimos implantar no Brasil, com a participação muito forte da indústria automobilística, o *flex-fuel*, que gerou uma pequena revolução na produção de automóveis no Brasil. Hoje, praticamente 100% dos carros produzidos no mercado brasileiro são *flex-fuel*, e eu penso que não existe mais hoje um brasileiro que não esteja satisfeito. O que é mais importante é que 60% dos usuários de carros *flex-fuel* têm uma preferência pelo etanol, na hora de encher o seu tanque. Significa que o etanol, definitivamente, virou uma parte importante da matriz energética brasileira.

Uma segunda coisa que nós estamos trabalhando já há alguns anos e estamos conseguindo aos poucos é a renovação da frota de caminhões no Brasil. Passamos meses discutindo o que nós iríamos fazer com os caminhões velhos. E aí, Sérgio, a gente descobre que se a gente não ficasse procurando “pelo em ovo” e a gente discutisse apenas aquilo que é mais simples, aquilo que nós poderemos chamar de óbvio, a gente já teria avançado muito na questão da renovação da frota de caminhões no Brasil. Primeiro, porque não é uma preocupação nossa querer vender carro velho. As pessoas que têm carro



velho é que têm que ter a preocupação de vender e elas vão ter que encontrar um comprador onde quer que seja, até que chegue a um desmanche, para ser desmanchado. O papel do governo era o de tentar criar as condições para que novos compradores ou, principalmente, micro e pequena empresa, ou os motoristas autônomos tivessem condições de entrar em uma loja e poder financiar um caminhão novo, que fosse possível de ser pago sem comprometer o orçamento da própria família. Nós conseguimos, em parte. No ano passado, nós reduzimos os juros de 13,5% para 4%, o que é uma coisa extremamente importante. Segundo, nós elevamos as mensalidades, as prestações, para 96 meses de financiamento, o que foi uma segunda coisa importante. Mas ainda falta uma coisa importante que nós não fizemos, e não é fácil de fazer, que é uma mudança na lei: é preciso criar a garantia para que a pessoa que quiser tomar dinheiro emprestado para comprar o caminhão dê a garantia. Hoje, por conta da lei, o caminhão não pode ser dado como garantia, porque é um instrumento... como diríamos na linguagem popular, ele é o ganha-pão do cidadão que tem o caminhão, e ele não pode dar o seu ganha-pão como garantia.

Ora, a lei parece que beneficia o caminhoneiro mas, no fundo, no fundo, na medida que a lei não permite que ele dê o caminhão como garantia, ele, simplesmente, não consegue o crédito para poder financiar o caminhão. Então, ele fica com todas as garantias da lei, mas sem o caminhão novo. Então, esse é um problema que nós ainda vamos ter que tentar resolver porque é necessário criar as condições para a renovação de frota. A indústria que produz o caminhão, ela precisa tentar vender o produto o mais acessível possível e o governo precisa criar as condições para que o caminhoneiro possa comprar, possa pagar, e a gente tenha, rodando nas rodovias brasileiras, caminhões novos e caminhões consumindo menos combustível e emitindo menos gases de efeito estufa.

Esse é um desejo que eu penso que não está longe de ser concluído.



Nós já tivemos uma reunião recente com os motoristas, tivemos uma reunião com o BNDES, levantamos as dificuldades e a quantidade de papéis que é exigida para que um caminhoneiro possa financiar o seu caminhão. No Brasil, ao longo da sua história, teve tanta coisa equivocada, teve tanto calote, teve tanta inadimplência que, hoje, para alguém pegar dinheiro emprestado, só pega quem não precisa de dinheiro emprestado. Quem precisa, tem muita dificuldade.

Então, nós já fizemos muitas mudanças, já... E vocês acompanham que quando nós chegamos ao governo, em 2003, o crédito total disponível no Brasil era de R\$ 380 bilhões, e hoje o crédito é de R\$ 1 trilhão e 500 bilhões. Portanto, o crédito aumentou cinco vezes neste país. Nós criamos o crédito consignado, que hoje já disponibiliza crédito, sobretudo para os trabalhadores e aposentados, mais de R\$ 120 bilhões, e isso tudo está fazendo com que a economia comece a funcionar bem.

Também melhoramos o Finame, que é para também melhorar a possibilidade de as prefeituras renovarem a sua frota de ônibus. Tem frota de ônibus que, na verdade, o ônibus já deveria ser depreciado com cinco anos de uso, e tem ônibus rodando com 20 anos, 18 anos, não só poluindo mais, mas colocando em risco a vida das pessoas. Nós, no ano passado, quando lançamos o Procaminhoneiro, lançamos também uma mudança na frota... no Finame, para facilitar a venda de ônibus para as cidades, e também para facilitar, Sérgio... para a gente vender para a América do Sul, América Latina e para o continente africano. Isso já foi decidido, agora falta encontrar os bancos que vão fazer o financiamento, tanto na África quanto na América Latina.

Uma coisa importante, que demonstra o acerto das políticas públicas, quando elas levam em conta o que as pessoas pensam e o que as pessoas querem. Todos vocês, e certamente o dono da Michelin também, acompanharam o que aconteceu com a crise dos alimentos, ainda em 2008. Sem ninguém explicar por que, o preço do petróleo salta de 60 ou de 30 para



200, a tonelada da soja vai para um preço, eu diria, exorbitante. Ninguém sabia por que, e somente depois é que nós fomos descobrir que o aumento das *commodities* já era resultado do *subprime*, em que as pessoas estavam fugindo da especulação imobiliária para aplicar no mercado futuro, tanto do petróleo quanto dos alimentos. A culpada era sempre a China. Mas, a verdade é que depois nós fomos descobrir que no mercado futuro já tinha uma venda de petróleo igual ao consumo chinês por ano.

Bom, veio a crise, que todo mundo sabe. Mas, como é que nós resolvemos no Brasil? Em julho de 2008, nós propusemos uma coisa chamada Mais Alimentos, e fizemos um programa especial para vender tratores – certamente, com aqueles pneus grandes que a Michelin produz aqui no Rio de Janeiro –, para vender tratores de 78 cavalos para o perfil do pequeno e médio agricultor brasileiro e para a agricultura familiar. Hoje, hoje 80% dos tratores vendidos no Brasil são vendidos por conta desse programa, e nós financiamos em dez anos, com três anos de carência e 2% de juros ao ano, coisa que era impensável no Brasil pouco tempo atrás. Esse programa já vendeu mais de 26 mil tratores e nós, agora, vamos renovar esse programa, porque um programa que teve sucesso como esse, nós não podemos parar. Obviamente que o dono da Michelin só tem que rir porque quanto mais tratores a gente vende, mais pneus a gente vende; quanto mais caminhões a gente vende, mais pneus a gente vende; quanto mais carros a gente vende, mais pneus a gente vende... Então, eu espero que as coisas continuem funcionando da forma como estão funcionando.

Mas não é apenas isso. Nós conquistamos a Copa do Mundo de 2014, nós conquistamos as Olimpíadas de 2016. Portanto, o Brasil terá uma política de mobilidade urbana como poucas vezes já teve na história do Brasil, não só porque as necessidades das Olimpíadas nos impõem, não só porque a Copa do Mundo nos impõe, mas porque a realidade nos impõe isso. Nós somos um país com quase 80% da população morando nos grandes centros urbanos e,



portanto, a questão da mobilidade urbana... Foi por isso que nós criamos o Ministério das Cidades, foi por isso que dentro do Ministério das Cidades nós criamos a Secretaria de Transporte, que era para pensar, nacionalmente, a questão urbana no nosso país.

Eu penso que nós vamos dar salto importante, porque nós não podemos parar mais. Os investimentos nessa área da mobilidade urbana é como se fosse uma carteira de investimentos, ou seja, começam fracos. Na medida que você faz uma carteira forte, a tendência natural é a gente não passar [parar] mais. Qualquer um de vocês, qualquer um de vocês, do dono da Michelin a qualquer jornalista, pode investigar para saber há quantas décadas não se investia neste país em rodovia, como nós estamos investindo agora. Há quantas décadas? Eu diria que nós só tivemos um momento próximo disso, que foi, possivelmente, nos anos 75, ainda no governo Geisel, que investiu tanto que endividou o Brasil e a gente passou 20 anos pagando a dívida, porque tomou dinheiro emprestado a juros de 3% e o Paul Volcker, para resolver o problema da economia americana, aumentou para 21% os juros. A gente, que pagava 3%, passou a pagar 21%, e todo mundo sabe o que aconteceu com as duas décadas perdidas, entre [19]80 e 2000.

Pois isso acabou, isso acabou. Eu posso olhar na cara dos empresários brasileiros, na cara do empresário francês e dizer: isso acabou. Este país aprendeu a tomar conta do seu nariz, este país aprendeu a gostar de si próprio, este país aprendeu a gostar de estabilidade econômica, este país aprendeu a gostar do controle da inflação, este país aprendeu a gostar de fazer distribuição de renda. Este país aprendeu a gostar de acabar com o PIB potencial, que era uma imbecilidade de alguns economistas, que achavam que a economia brasileira não poderia crescer acima de 3%, que a casa caía. Nós, agora, experimentamos que é gostoso crescer mais de 3%, é gostoso crescer 4%, é gostoso crescer 5%, é gostoso crescer 6%. Nós, também, não queremos crescer demais, porque nós não queremos ficar como se fosse uma sanfona:



vai a 10%, volta a 2%; vai a 10%, volta a 2%. Não. O que nós queremos é um crescimento sustentável, que possa durar dez anos, 15 anos, oito anos.

Agora, mais importante ainda, é que se o mundo desenvolvido tem dúvida do que fazer em função da crise econômica, poderia humildemente – eles, que tanto vieram aqui nos dar lição de moral –, vir aqui humildemente aprender como é que se faz política econômica com seriedade, aprender como é que se gerencia um país, combinando exportação com crescimento econômico, combinando controle da inflação com distribuição de renda, e, mais ainda, mostrando que é possível a gente cuidar dos pobres, e não esperar o bolo crescer como se dizia na década de 70: “Deixa o bolo crescer, quando o bolo estiver grande a gente reparte”. Sempre aparecia um engraçadinho para comer o bolo antes dos outros, e quando se pensava em repartir, o que tinha para repartir neste país era pobreza e era miséria. Isso mudou, mudou porque o povo brasileiro ficou mais sério, ficou mais esperto, está mais inteligente, não acredita na mentirada que ele ouve e que ele lê todo santo dia.

Teve um tempo em que no Brasil se criou o tal do formador de opinião pública, que ele cantava na televisão e o pobre lá embaixo fazia: “Agora não”. Agora o pobre pensa pela sua cabeça, anda pelos seus pés, enxerga pelos seus olhos e vê claramente o que está acontecendo neste país. E este país quer dizer a vocês que o que está acontecendo no mundo hoje é um pouco da irresponsabilidade daqueles que passaram a década de 80 e a década de 90 vendendo a ideia de que o mercado era um deus e que o Estado era o diabo. Passados todos esses anos, nem o mercado é deus e nem o Estado é o diabo. Se os dois funcionarem corretamente bem será muito melhor para todo mundo, porque na hora em que o mercado quebrou, o Estado, que estava preparado para entrar na dança, resolveu o problema. Nós, aqui no Brasil, não vacilamos.

Eu lembro do dia em que eu tive que tomar a decisão para comprar a Nossa Caixa, em São Paulo. Diziam: “Lula, você não compre, porque o governador de São Paulo vai ser candidato a Presidente. Você vai comprar a



Nossa Caixa, vai dar dinheiro para ele?”. Eu não estou preocupado se dá dinheiro para quem... eu estou preocupado é [com] o seguinte: o Banco do Brasil precisa voltar a ser o maior banco deste país. E voltou.

Eu lembro quando nós tivemos problema de financiamento de carros usados. Nós precisaríamos vender carro usado para poder comprar carro novo. Nós fomos atrás do Banco do Brasil, o Banco do Brasil me disse: “Olha, nós não temos *expertise*”. Eu fiquei pensando: bom, quando é que a gente vai fazer um curso para dar *expertise* para o Banco do Brasil? Vai levar um ano? Vai. Nesse [um] ano, quebrou tudo. Então, o que eu fiz? Em vez de ficar formando *expertise*, nós compramos o banco que tinha mais *expertise*, que era o Banco Votorantim, que tinha uma carteira de R\$ 90 bilhões de carros usados, de financiamento. Compramos 50%, colocamos *expertise* e nós conseguimos fazer com que a indústria automobilística brasileira saísse da crise de 2008 para bater recorde atrás de recorde em 2009.

Pois bem, essa situação em que nós estamos agora é uma situação que vem de encontro a um momento auspicioso em que eu fui ali ver carro elétrico. Carro elétrico para cá, carro elétrico para lá... ainda... obviamente que ainda não se produz em grande escala, não se sabe ainda se é possível, se alguém vai adotar para produzir em grande escala. Mas, de qualquer forma, é um sinal extraordinário. O mundo está começando a ficar preocupado com o que está acontecendo no planeta Terra. Nós já não sabemos de tudo. Tem chovido demais onde não chovia, tem feito seca demais onde chovia demais, o mar tem enchido mais do que se deveria imaginar, num curto prazo de tempo. As intempéries estão aí: é fumaça negra para lá, fazendo com que os aviões na Europa parem de voar; é o petróleo, nos Estados Unidos, fazendo o maior processo de poluição que a gente tem conhecimento, na história. E os grandes, que sabiam tudo, não sabem como fazer para parar aquele petróleo. Você sabe, Sérgio, que tem que chegar uma nova sonda, fazer um novo poço para poder implodir aquele e tamponá-lo, para poder parar de sair petróleo, senão



vão continuar saindo 5 mil barris de petróleo por dia. Eu acho engraçado como é que a imprensa trata esse negócio. Imagine se fosse a Petrobrás! Imagine se fosse aqui na Baía de Guanabara, o escândalo que o mundo desenvolvido teria feito contra nós! Imagine quantas matérias contra o Brasil, “que não sabe tomar conta do seu nariz”!

Bem, nós... Eu vou terminar dizendo ao presidente da Michelin que quando eu cheguei ao governo eu descobri que o biodiesel tinha sido patenteado pelo nosso querido professor Expedito Parente, na Universidade Federal de Fortaleza, em 1975. De [19]75 a 2003 dá quase 30 anos, 20 e poucos anos. Então, a minha pergunta é saber o seguinte: Por que de 1975 até 2003 não foi estabelecido que o biodiesel iria se transformar em uma matriz energética definitiva deste país? Por que não foi? É porque, na verdade, durante muito tempo se pensou muito pouco este país. Nós, que começamos com B3, atingimos B5 quatro anos [antes] do prazo determinado. E se a indústria automobilística quiser, nós vamos para o B7, vamos para o B8, vamos para o B10.

Eu fui agora ao estado do Pará lançar um programa da produção de palma do dendê, que produz quase 6 mil litros de óleo por hectare, Sérgio. E cada hectare de palma sequestra 26 toneladas de carbono. Ou seja, nós vamos fazer uma grande produção, com incentivo do governo para que a gente possa recuperar toda a área degradada no estado do Pará. Ao todo, são quase 30 e poucos milhões de hectares de terras em que nós poderemos plantar o dendê e fazer biodiesel para o consumo interno e para exportar. Eu acho que é isso que demarca... Eu vi, agora, um caminhão aqui, um caminhão praticamente com biodiesel feito da cana-de-açúcar.

Vocês estão lembrados que há pouco tempo a gente não sabia o que fazer com a cana-de-açúcar. Agora já estamos fazendo etanol de segunda geração, já estamos fazendo biodiesel, já estamos produzindo energia elétrica, já estamos produzindo roupa, já estamos produzindo banco de carro, já



estamos produzindo... graças ao avanço tecnológico a que o mundo está submetido e graças aos avanços da consciência política dos empresários do mundo inteiro, que estão tomando consciência de que se quiserem que as suas empresas cresçam, se quiserem continuar vendendo, se quiserem continuar produzindo, nós vamos ter que preservar o planeta Terra porque já se provou que na Lua não tem ninguém para comprar carro, já se provou que em Marte não tem ninguém para comprar carro. Então, ou nós cuidamos disto aqui e vendemos para nós mesmos, ou nós vamos quebrar a cara. Nos encontraremos, qualquer dia desses, aí, na galáxia, dando tchau um para o outro, e foi-se embora o nosso Planeta.

Por isso eu quero dar os parabéns à Michelin por este evento, e dar os parabéns por ter escolhido o Brasil como sede para fazer este evento, porque eu acho que o Brasil... não é que o Brasil ficou melhor, não é que o Brasil virou a bola da vez, é que o Brasil passou a gostar de si próprio, o Brasil passou a gostar de si próprio, o Brasil passou a entender... Aquele discurso que o Obama fazia na campanha “Nós podemos”, aquilo não é para eles, aquilo é para nós. Na verdade, nós podemos, basta que a gente queira. Não existe limite para a sabedoria humana, desde que a pessoa queira brigar, desde que a pessoa queira fazer.

Eu quero dizer para vocês o seguinte: o Brasil cansou de ser tratado como segunda classe, deixou... “A moda melhor é nos outros países, os outros países poderiam [podiam] tudo, nós não podíamos nada”. Nós cansamos, nós cansamos. Nós temos todas as condições de nos transformarmos numa nação extraordinária, competitiva como qualquer outra nação do mundo. É importante as pessoas saberem que nós queremos continuar sendo humildes, queremos respeitar e queremos ser respeitados. Peguem essa coisa do Irã aí, uma coisa... A divergência do Irã com os Estados Unidos perdura há 31 anos, perdura há 31 anos. Qual foi o mal que fizeram o Brasil e a Turquia? Foi o de convencer o Presidente do Irã a se sentar à mesa para negociar, que era o que



eles queriam que acontecesse. Aí, quando o Irã topa se sentar, eles falam: “Ah, não vale mais”. Então, não é possível fazer política internacional, não é possível fazer as coisas, Sérgio, se não houver um respeito mútuo nas nossas relações.

Eu acho que o Brasil deve muito ao jeito de ser do povo brasileiro. Eu lembro que eu estava vendo uma corrida de Fórmula Indy, esta semana, e o carro de um brasileiro quebrou, daqueles brasileiros que falam um pouco americanizado. O Jaime Lerner deve saber como é. Parece que ele tem uma bola, assim, na boca, que fala... nem português e nem inglês, mas dá para a gente entender. O carro dele quebrou e foram perguntar para ele o que ele... se ele estava feliz; ele tinha chegado muito atrasado, o carro tinha recuperado. Ele falou: “Olha, eu estou satisfeito porque eu sou brasileiro e não desisto nunca”. Vocês estão lembrados que esse foi um *slogan* que nós arrumamos, no começo do governo, que colocávamos o Ronaldo Nazário dizendo “Sou brasileiro e não desisto nunca”. Por que é que nós fizemos isso? Para a gente recuperar a autoestima deste país.

Portanto, a vocês empresários, aos trabalhadores deste país nós devemos muito, Sérgio, e devemos uma coisa extraordinária... Quem é que está morando no Rio hoje, que não percebe, visivelmente, que o Rio mudou de cara? Era impossível cuidar da segurança do Rio? Era impossível quando tinha governo que não queria cuidar da segurança. Vocês todos aqui poderiam – neste dia que vão ficar aqui – acertar com o Prefeito e dar uma subida na favela do Alemão, no complexo de Manguinhos, no Pavão-Pavãozinho, na Rocinha, para vocês verem que dentre todas as políticas que faz o Governador, de colocar mais polícia nas favelas, de ordenar a segurança pública, vocês vão ver a presença do Estado dentro da favela: é o Estado com escola, é o Estado com formação profissional, é o Estado com biblioteca, é o Estado com saúde, é o Estado com polícia, mas, sobretudo, é o Estado com esperança, trabalhando juntos – prefeito, governo estadual, governo federal –



porque não existe outro jeito de a gente tornar os lugares degradados mais humanizados, se as pessoas não sentirem que nós estamos fazendo as coisas por elas.

Quando a Michelin resolve fazer o seu encontro “Challenge Bibendum” aqui no Rio de Janeiro, eu queria agradecer porque vocês estão dando um voto de confiança a tudo que nós estamos fazendo neste país.

Um abraço e bom encontro.

(\$211A)